Master Negative Storage Number

OCI00048.40

Despedida de João Brandão a sua mulher

Rio de Janeiro

1885

Reel: 48 Title: 40

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OC100048.40

Control Number: AAM-0459
OCLC Number : 05759640
Call Number : W 381.5698 P8383 no. 9
Title : Despedida de João Brandão a sua mulher, sens filhos, seus amigos e collegas : e augmentada com A verdadeira despedida de João Brandão : seguida da Resposta de sua esposa Carolina Augusta.
Imprint : Rio de Janeiro : A.T. de Castro Dias, 1885.
Format : 16 p. ; 19 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Brazilian.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9-29-94
Camera Operator: CS

DESPEDIDA

DE

JOÃO BRANDÃO

A sua mulher, seus filhos, seus amigos e collegas;

E AUGMENTADA

COM

A Verdadeira despedida de João Brandão.

Resposta de sua esposa Carolina Augusta.

SEGUIDA

DA

RIO DE JANEIRO

Vende-se no armarinho e livraria de

A. T. de Castro Dias

Rua dos Andradas n. 28,—esquina da das Violas

1885

W
381.5698
B8383
no. 9

CLEVELAND
PUBLIC LIBRARY

Vende-se na mesma casa

Lyra do Trovador, 1$. Poesia de F. P. Zinão, 1$. Trovador Brazileiro 500. Lyra de Apollo, 1$. Serenatas, 500. Carlos Magno, 2$500. Primaveras, de Casemiro de Abreu, 1$. Vida do José do Telhado, 1$. Lili, 1$. Thesouro da magica, 1$. Poesias do Russinho, 200. Livro dos Sonhos, 500. Bertholdo, 500 Vida de Santo Antonio, 500. Principe Cyrilio, 500. Princeza Magalona, 500. Donzella Theodora, 500. João de Calais, 500. Roberto do Diabo, 500. Imperatriz Porcina, 400. Galateia, 500. Diccionario das flores, 500. Conselheiro dos amantes, 1$. Judia e noivado, 200. João Brandão, 200. Manual encyclopedico, 2$500. Dous proscriptos, 1$. 29, honra e gloria, 800. D. Joanita,, 1$. Sinos de Corneville, 1$. D. Alvaro da Cunha, 1$. Fronteiro d'Africa. 1$. Um alho, 200. Cerração no mar, 200. Testamento do soldado, 200. Proezas de um vagabundo, 200. Fadigas de um Caixeiro, 200. Mulher vaidosa, 200. Paulo e Virginia, 400. Malicia das mulheres, 500. Disputa d'agua e o vinho, 500. Coruja e Morcego, 200. A liberdade, de P. Chagas, 200. Confissão do Marujo, 240. Cavalleiro da Cruz, 500. Estella e Surpreza d'Evora. 1$. Manoel d'Abalada, 200. Conto das fadas, 1$. Pai Manoel e Pai José, 200. Morgadinha de Val-flor. 1$. Profecia d'um ovo, 200. D. Nuno Peres de Faria, 500, Luziadas de Camões, 1$. Recitativos, 1$. V. Maryo, 200. A corda do enforcado, 1$. Manual Epistolar, 2$. Vida do Carroceiro, 200. D. Jayme, 1$. Expositor Portuguez, 1$. Milagres de Santo Antonio, 500. Ciumes do Bardo, 200. Paulo e Virginia, 500. Bella e fera, 200. A honra de um Caixeiro, lindo romance contemporaneo, 1 vol. broch., 1$. Disputa da mulher com o marido, 200. Fabulas de Ulysses, 200. O padre assassinado pelo filho do sapateiro, 200. O meirinho e a pobre, 200. Cantos e prantos, poesia, 1$. Amor e dever, romance, 1$. Dous namorados, 200. O mundo vai-se acabar, 200. A bella adormecida no bosque, 200. Emquanto o bond não parte, 200. O sarrabulho, scena comica, 200, Barba azul, 200. Elle e Ella, romance, 200. Canto do Sabiá, 200. O Usurario, 200, O Meu amigo banana, 200. Supplicio e corpos, 200. Fui ver a festa da Penha, 200. Historia verdadeira e [illegible] do Reino de Algarve, 500. Dois surdos, comedia, 500. Grito da Carne, 1$. Noturnos, 1$500. Scintillações, 1$. Viagem dos Imperadores do Brazil em Portugal, 2$. Saudades na Gampa, 500.

Testamentos: de Manoel Braz, do Macaco, da Barata, do Rato, da Mosca, do Burro, do Mosquito, da Gallinha, do Gallo, da Raposa, do Boi. da Preguiça, do Morcego, da Saracura, do Cavallo, do Perù, 80 reis por cada uma. João Lobo, romance, 1$. Imposto do vintem, secca do Ceará, por Sant' Anninha, 500.

Grande sortimento de historias, orações, romances, poesias, etc., etc. Obras de Escrich, C. C. Branco, P. Chagas, Thomaz Ribeiro, D. A. da Costa Theophilo Braga, Latino Coelho, J. Cesar Machado, Alexandre Herculano e outros autores, por preços muito baratos.

Sacos de roupa, 200 rs.

AUG 21 1911

DESPEDIDA

DE

JOÃO BRANDÃO

A SUA MULHER, FILHOS, AMIGOS E COLLEGAS

Andando eu a passear
Com a amiga do coração
Dois passos á retaguarda:
Estás preso João Brandão.

Quando eu ia para o Porto
No meio de um regimento
Logo disse: João Brandão:
Esta não tem livramento.

Quando eu cheguei ao Porto
Dei a mão ao carcereiro:
Adeus Carolina Augusta,
Já não vale o teu dinheiro.

Façam uma caridade
A quem está na Relação;
A que havia de chegar
ão da Silva Brandão!

Adeus Carolina Augusta
Esta te quero dizer,
Adeus, ó minha mulher,
Já te não torno a vêr.

Agora vou degradado.
paixão é que me mata;
deus Carolina Augusta
Já não vale a tua prata.

Adeus Varzea de Candoza,
Estás cercada de olivaes,
Adeus Carolina Augusta,
Adeus para nunca mais.

Adeus Varzea de Candoza,
Adèus ! oh ! casa caiáda!
Adeus Carolina Augusta,
Agora estás desgraçada.

Adeus João Brandão
Espelho de me vestir;
Tu matastes o menino
Que para ti se ficou a rir.

Quando o menino matei
Mil vezes me arrependi;
Lancei as armas em terra,
Deus se compadeça de mim.

Dos filhos que meu pai creou
Fui eu o mais desgraçado;
Por matar um innocente
Que estava no berço deitado.

A primeira morte que fiz
Foi na idade de nove annõs
Eu matei uma criança
Com uma arma de dois canos.

Estás preso João Brandão,
Não é por roubar dinheiro;
Tu mataste um rapazinho
Lá no cimo d'um pinheiro.

De vinte e oito mortes que fiz
Só de uma tenho paixão;
Pr moatar um innocente
Com um punhal de ouronam [illegible]

AUG 16 1911

Estando eu João Brandão
A' sombra do meu loureiro
Andava jogando a bola
Com a cabeça do ferreiro.

Adeus villa de Midões,
Para mim, quer sim, quer não
Vinte e oito mortes que fiz
Estou preso na Relação.

Es ando eu a escrever,
Com trinta imaginações!
Logo meu coração disse:
Já não volto a Midões.

Mesmo em Leiraza da Telha.
E' que foi a minha prisão;
Fui a uma sociedade
Fizeram-me uma traição.

Adeus Varzea de Candoza
No meio tens um rochedo;
Adeus Carolina Augusta
Vou cumprir o meu degredo.

Agora vou degradado,
Estou preso no Limoeiro,
Sentença por toda a vida
Para viver no captiveiro.

Adeus villa de Midões,
No meio tens um chorão;
Adeus Carolina Augusta,
Prenda do meu coração.

Dizem que eu matei um padre,
Eu nisso estou innocente,
Agora vou degradado
Dar gosto a muita gente.

Mal hajam meu pai e mãi
Mas a minha infeliz sorte,
Elles mesmos forão causa
De eu fazer a primeira morte.

—Adeus João Brandão,
Tu eras de mau viver;
Esta morte derradeira
Foi o que te deitou a perder.

Agora vou degradado,
A um infeliz nada val;
Por dizerem que matei
Padre José de Portugal.

O' paes e mães de familia
Dae-lhe boa educação;
Vejam o estado a que chegou
João da Silva Brandão.

Adeus Carolina Augusta
Digo-te adeus, mulher minha;
Quem eu tenho contra mim
E' o conde de Almeidinha,

Agora vou degradado,
As minhas paixões são fataes;
Só recebi falsidades
Dos amigos mais leaes.

Mal haja o meu pai
Mais a má educação;
De nove annos de idade
Entregou-me armas á mão.

Agora vou degradado;
Adeus Carolina Augusta.
O deixar-te para sempre
Ai de mim, tanto me custa.

Adeus Carolina Augusta,
A minha paixão é fatal,
Agora vou degradado,
Já não volto a Portugal.

Adeus villa de Midões
Com teu novo chafariz:
Vou cumprir o meu degredo
Minha sorte assim o quiz.

Adeus Carolina Augusta
Já não vale o teu thesouro,
Para eu não ir degradado
Pesavas-me a peças de ouro.

O numero das testemunhas
De João da Silva Brandão:
Vinte e cinco a seu favor
Quarenta de accusação.

Constança, minha Constança
Constança do Arvoredo,
Antes que teu páe não queira
Vem commigo para o degredo.

Quando da prisão me ausento
Eu vou com os mais degradados,
Eu devo de agradecer
Tudo aos senhores jurados.

Adeus varzea de Candoza
Cercada de cachos de uvas,
Adeus Carolina Augusta,
Ficas no rol das viuvas.

Adeus varzea de Candoza,
Adeus familia robusta;
Adeus queridos amigos,
Adeus Carolina Augusta.

Já te não torno a ver,
Adeus esposa querida
Vou com os negros viver
Lá findar a minha vida.

Já não vale o teu dinheiro
Para me livrar das prisões,
Vou com as feras habitar,
Vou assistir para os sertões.

Adeus joven Constança,
Por mim feste tão amada;
Foge de casa de teu pae,
Vem commigo degradada.

Constanca, dá-me alegria,
E dá-me consolação;
Não desprezes a companhia
De João da Silva Brandão.

Adeus, Carolina Augusta;
Deixo cá o coração,
Queira Deus que não m'esqueças
Com a triste ingratidão.

Bem diviso já ao longe
Boiando nas aguas do mar
A maldicta feia barca
Que em breve me vai levar.

Adeus querida esposa
Não repares no meu fallar,
A paixão é que me mata
Quando de ti me separar.

DESPEDIDA
DE
JOÃO DA SILVA BRANDÃO

A SUA MULHER, FILHOS, AMIGOS E COLLEGAS

Vae deixar a sua patria
João da Silva Brandão!
Vae dos erros commettidos
Ter a sua punição.

Vae deixar a patria qu'rida,
O melhor torrão do mundo!
Onde o ceu sorri d'encantos,
Onde o viver é jocundo!

Contra a lei não valem supplicas
Sem a lei progride o erro,
Nem prata, ouro e brilhantes
Me isentaram do degredo!

Negra estrella, triste sina
Desde o berço me seguiram;
Sempre mil causas diversas.
A mal fazer me impelliram!

Hoje vivo arrependido,
Mas para mim não ha perdão,
Que sobre o meu nome peza
Dos home ns a maldição.

Adeus patria minha amada!
Adeus minha companheira!
Vem abraçar teu marido,
Nesta hora derradeira.

Vem, sim, que alem no occeano
Já o navio me espera,
A saudade que me opprime
O peito me dilacera.

Se desde a idade da infancia
Tivesse um pai cuidadoso,
De certo eu não chegaria
A ser um vil criminoso.

Mas elle quiz educar-me
Na profissão d'assassino!
A elle somente eu devo
Meu cruel e atroz destino!

Foi na idade de nove annos
Que encetei minha missão:
Que revelei mau instincto
Da paterna educação!

Matei!... dois! tres! matei muito!
Mais de vinte! Oh! Deus Clemente!
Té mesmo matei no berço,
A punhal, um innocente!

Oh! horror! de noite em sonhos
Vejo-o sempre a cada instante!
Aquelle rir de piedade!
Aquelle olhar penetrante!

Sorria para mim, coitado!
Quando o punhal lhe cravei!
Oh! meu Deus! c'o esta lembrança
De remorsos morrerei.

Mas, os lamentos já não valem
Que para mim tudo findou;
E' justo soffra um desterro
Quem tanta vida arrancou.

Dos homens viva privado,
Viva só entre os sertões,
Quem matava a humana raça
Morra ás garras dos leões.

Adeus, já vejo boiando
Negra barca alem no mar,
Ai sobre ella navegando
Vou a patria emfim deixar.

Terra minha, adeus para sempre!
Ah não mais cá voltarei!
Nos desertos abrasados
Os meus dias acabarei.

Fui cruel! atroz! ferino!
Inhumano a mais não ser!
Mas hoje sinto em minha alma
Outra aurora renascer.

Hoje choro o que hei perdido,
Minha esposa, os filhos meus,
Ai, filhos da minha vida
Ai! esposa, ai! patria, adeus.

Adeus! chamam-me, é preciso,
Segurei o meu destino!
Ninguem chore o desterrado,
Ninguem chore o assassino.

Ninguem chore quem só teve
Vida atroz! vil proceder;
Quem das féras tinha o instincto
Deve entre as féras jazer.

Deve sim; hoje conheço
O quanto fui infeliz,
Meu castigo é o proprio peso
De tantos crimes que eu fiz.

Por este lado os humanos
Devem por mim sentir dó;
Que fugir ao seu destino
Não alcançou ainda um só.

Tu és força do destino
Quem no mundo nos guia,
Não tem culpa dos seus actos
Quem do crime se enredia.

Feliz d'aquelle que a sorte
Desde o berço lhe sorri,
Goza paz e não se perde
Como—ai! triste!—eu me perdi.

Fui criminoso, confesso,
Matei, fiz crimes d'horror
Mas sinto punida a culpa
N'este transe d'amargor!

N'esta dôr que o peito esmaga,
No lance da despedida,
Em que vou abandonar-vos,
Filhos meus, esposa qu'rida.

O sol que n'este paraizo
Me vinha outr'ora affagar,
Nos sertões onde me levam
Hade-me lá escaldar.

Não mais verei a verdura
Que esmaltam estas campinas,
Nem das arvores as flores,
Nem dos campos as boninas!

Não terei lá harmonias
Das aves, das virações;
Da natureza risonha,
Nada verei nos sertões.

De toda a parte só morte!
Medo! fome! sède! horror!
Bichos, nudez e desertos!
Turvo o mar, na terra ardor!

Meu Deus, para que me legaste
Tão cruel, triste destino?
Porque em vez d'um homem docil,
Me fadaste homem ferino?!

Seria para mim o mundo
Um paraizo abençoado;
Assim de todos maldicto
Sou, com razão desprezado.

Mas... lá me chamam; é preciso
Este laço desligar,
Dá-me, esposa, o ulimo abraço.
Que são horas de embarcar.

Aperta-me o peito afflicto
Onde arde um fogo infernal;
E leva aos nossos filhinhos
Pobre benção paternal.

Diz-lhes que seu pae agora
Vae baixar á sepultura,
Com morte como entre as mortes,
Não ha com mais amargura,

Olha por elles, educa-os,
Dae-lhes exemplo e bom ensino;
Que d'elles algum não siga
Do pae o negro destino.

E tu cobre as negras vestes
Enluta os filhos tambem;
Hoje ainda elles teem pae,
Amanhã, só terão mãe.

Leva-lhes esta ultima benção.
Que derradeira lhes dou,
Vou partir'— a sociedade,
Vingada n'isto ficou.

Adeus, chamam, parto agora
Vou punir os males meus,
Ai ! adeus ! adeus para sempre
Filhos, patria, esposa, adeus!

RESPOSTA
DE
CAROLINA AUGUSTA
A SEU ESPOSO
JOÃO DA SILVA BRANDÃO

Meu pobre João Brandão,
Li a tua despedida;
E qual a alma de pedra
Que não ficasse partida?

Não te enganaste na conta
No meio do regimento,
Quando disseste comtigo:
Esta não tem livramento.

Quando chegastes ao Porto
E entraste na Relação,
Logo meu peito me disse:
Váis sentir grande paixão.

Agora vaes degradado,
Já não tenho consolação.
A que havias de chegar,
João da Silva Brandão!

Adeus querido esposo,
Esta te quero dizer;
Adeus, adeus para sempre,
Não te torno mais a ver.

Vais para a Costa d'Africa,
Lá para o maldicto sertão,
Perderam-te as muitas mortes
Para o que tiveste inclinação.

Adeus querido esposo,
Fico cheia de sentimento:
Tua partida para a Africa
Para mim grande tormento.

Tu matastes o innocentinho
Que no seu berço dormia,
Soffres por isso o castigo
Que o teu crime merecia.

Quando o menino mataste
Mil vezes te arrependeste,
Com paixão e temor de Deus
Muitas vezes te benzeste.

Tu és um homem de bem,
Os teus amigos te perderam,
Levaram-te para a cadêa
Por traição que te fizeram.

Não fizeste vinte e oito mortes,
Nem nunca roubaste dinheiro;
Não mataste o menino
Lá no cimo d'um pinheiro.

Os traidores dizem que andaste,
A' sombra do teu loureiro,
A jogar a bola, mas é falso,
Com a cabeça do ferreiro.

Adeus esposo querido,
Digo-te mais uma vez,
Logo que váis para o degredo
Fico triste na viuvez,

Esta te escreve agora
Com mil imaginações.
Como te digo tambem
Adeus villa de Midões.

Até anda em letra redonda
A tua triste despedida;
Muito querem elles saber
Da tua e da minha vida.

Era numa noite escura
Lá em Leiraza da Telha,
Fizeram-te uma traição
E deste entrada na cadêa.

Disseste adeus a Midões,
Que no meio tem um chorão;
Adeus espelho onde me via,
Adeus prenda do coração.

Adeus João Brandão,
Tu eras de mau viver.
A morte derradeira
Foi que te deitou a perder.

Agora vais degradado,
Tua triste sorte é fatal;
Mas é falso tu matares
Padre José do Portugal.

Quem matou o padre José
Foi quem estava comsigo
E o conde d'Almeidinha
E' o teu maior inimigo.

Mal haja, sim, o teu pae
De tão fraca ponderação,
Que aos nove annos d'idade
Te metteu armas na mão.

O' paes e mãis de-fumilia.
Ponde aqui os olhos da cara;
Se não fôra a má educação
Nunca Brandão a isto chegara.

A' sahida do castello
Digo-te adeus homem meu,
Fico negra como a noite;
Levanto os olhos ao ceu.

A chorar-te toda a vida
Cá fica Carolina Augusta,
O saber que não tornas cá
Ai de mim, muito me custa.

A' tua Carolina Augusta
A paixão é que a mata;
Para que tu fosses solto
Daria toda minha prata.

Mal a hora que casei;
A minha paixão é fatal;
Os traidores assim o quizeram,
Nunca ninguem te foi leal.

Ir comtigo para o degredo,
Isso é que não póde ser,
Meu pae que é velhinho
Ao pé de si me quer vêr.

Maldicta hora que vi,
Em que tanto me agradei;
Agora pergunto a mim:
Para que eu me casei?

Eras muito bem comportado,
Eras de muito bom viver;
Foram as más companhias
Que te deitaram a perder.

Agora vais para o degredo
E nunca mais voltarás,
Mais te valêra não nascer,
Quantas vezes tu dirás.

Dizem que vais degradado,
O' meu homem querido!
Eu morro de paixão
Por te vêr assim perdido.

A maior paixão que tenho,
Sempre em mim nutrida,
E' por tu ires para a Africa
Degradado por toda vida.

Todos te foram falsos,
Ninguem te dá soccorro;
Quando fôres para a Africa
De saudades sei que morro.

As tuas palavras sentidas
Chegaram-me ao coração,
Vieram pôr-me mais triste;
Augmentar a minha paixão.

A' má crença do mundo
Ai de mim, ninguem resiste,
Tu vaes para o degredo
E eu fico aqui tão triste.

Deixaste varzea de Candoza,
No meio tem um chafariz,
Emfim vaes degradado
A tua sorte assim o quiz.

Adeus esposo querido
Já te não torno a vêr;
Eu fico aqui sozinha
E tu vaes com os pretos viver.

Adeus João Brandão,
Eu não posso resistir;
Tu vaes partir para a Africa
E eu de luto me vou vestir.

Liberdade, liberdade
Quem a tem chama-lhe sua,
Quem me déra, João Brandão,
Vêr-te no meio da rua.

Tu divisas lá ao longe
A barca que te ha de levar,
E eu já sinto no meu peito
A dôr que me ha de matar.

Pede a Deus pelos teus filhos
Lá no meio do sertão,
Que Deus lhes dê melhor sorte
E melhor inclinação.

A minha amarga saudade
Não se póde imaginar,
E hade acompanhar-te sempre
Mesmo nas aguas do mar.

Recebe mais um adeus,
Em penhor de amizade;
Jamais me unirei a ti
A não ser na eternidade

Adeus, adeus meu esposo,
Que já basta de massada,
Ponho aqui ponto final
De chorar estou cansada.

VERDADEIRA DESPEDIDA

DE

JOÃO DA SILVA BRANDÃO

ACCRESCENTADA COM UMA

RELAÇÃO DE SEUS CRIMES E UMAS REFLEXÕES CHRISTÃES

Aqui d'el-rei! não consinto !
Tal não deve consentir-se!
Que ninguem ande em meu nome
Em meu nome a despedir-se.

Protesto: tal não me agrada,
Que o meu nome, João Brandão,
Corra praças e viellas
Dos garotos pela mão.

E que feio! que horroroso
Me pintaram o retrato!
Mais torto que o *Borda d'Agua*,
Com barbas peior que um gato!

Eu, que sou e que fui sempre
Airoso, alegre e bonito,
Me vêr agora retratado
Mais horrendo que um cabrito!

Não consinto !— Se eu agora
Caçasse quem tal me fez,
Ou lhe déra quatro tiros.
Ou então socco de inglez.

Mais esta morte fizera
E com ella me vingára:
A quem tem vinte e oito mortes,
Mais uma pouco importára.

Saibam portanto leitores:
Essa antiga despedida,
Não foi por mim publicada,
Nem mesmo por mim sentida.

Mas agora esta que corre
Dos garotos pela mão
E' minha, é a verdadeira
Que eu faço—:

João Brandão

CRIMES
DE
JOÃO BRANDÃO

A João Brandão dizia o—CONIMBRICENSE—de 5 de Dezembro de 1854, o seguinte:

Mataste no anno de 1837 a um homem, proximo a Gouvêa, em uma das tuas excursões á serra da Estrella.

Ajudaste a matar em 1842 o juiz de direito de Midões, Nicoláu Baptista de Figueiredo Pacheco Telles.

Mataste em 1845, proximo de Midões, a teu primo Manoel Rodrigues da Silva Brandão.

Mataste em 1847 um homem em Correllos, conselho de Carregal.

Mataste em 1849 a Estanisláu Xavier de Pina, da Varzea de Meruge, conselho de Eryedal.

Mataste no mesmo anno a um homem no lugar dos Fiais, conselho do Carregal.

Mataste em 1851 a teu primo Francisco Elysio da Silva Brandão.

Mataste no dia 5 de Outubro do corrente anno (1854) o ferreiro da Varzea de Candoza, da maneira mais barbara, na noite de 9 para 10 de Novembro ultimo, no sitio do Bem Feita.

Mataste em 1852 a um fulano Guimarães, no lugar dos Cabriz, conselho do Carregal.

O terror que o nome de João Brandão incutiu nos povos da Beira, durante o tempo em que o celebre criminoso fez d'aquella provincia theatro das suas fa-

çanhas, presta um caracter quasi legendario a este vulto, que, guiado desde a infancia, por frouxa luz poderia sem duvida ter sido util a si e á patria se desde o berço o não fadasse o genio do mal,

João Brandão não foi um criminoso vulgar, e eis o motivo porque o povo supersticioso o adornou com as gallas dos heróes e dos semi-deuses, e fez d'elle uma creatura quasi maravilhosa.

Repetimos, o nome de João Brandão, que não significa se não o roubo e o assassinio, podia ser invocado com gloria, podia recommendar-se á consideração publica, como o d'um benemerito da patria.

Fadou-o a sorte para representar um triste papel na comedia humana. Lamentemos o infeliz; não lembremos mais sobre o seu nome a excecração publica, porque está longe o cumprimento do seu fadario.

Está feita a justiça dos homens: a de Deus chegará quando assim o entender a sua alta sabedoria.

PESCADOR DA RIBEIRA

MINHA REDE E MEU AMOR.

(LUNDU' BAHIANO)

Nas margens d'uma ribeira
Um pescador passeava
Entre rochedos e ondas
A cupido assim fallava.

— Que te curve meus joelhos
Não esperes rei traidor;
Minha canôa, meu remo
Minha rede, meu amor.

Mas se algum incauto peixe
Na rêde se prende, eu digo
E' assim que o tyranno rei
Pretende fazer commigo.

— Mas que eu seja teu vassallo
Não esperes rei traidor,
Minha canôa, meu remo,
Minha rêde meu amor.

Eu vi de Nevina ingrata
O pobre infeliz amante,
Já sem canôa, sem remo,
Vagando na praia errante.

— Com taes leis nunca pretendas
Captivar-me rei traidor;
Minha canôa meu remo
Minha rêde meu amor.

Por acaso a bella Silvia
Alli chegou, no entanto,
Ouvio o triste pescador
Soltar seu raivoso canto.

— Captivar minha vontade
Não poderás rei traidor
Minha canôa meu remo
Minha rêde, meu amor.

Sorrindo Silvia lançou-lhe
Com tal graça certo olhar
Que o pescador murmurou
Começando a suspirar:

— Adeus canôa, adeus rede
Já não sou mais pescador
Sou da bella Silvia, escravo
Fiel vassallo de amor.